

A SOCIOLOGIA DO JOVEM COMTE (II)

EVARISTO DE MORAES FILHO

7 — Criada a sociologia, definido qual o seu objeto, fazia-se mister a indicação dos métodos próprios ao seu exercício. Quais os métodos das outras ciências que lhe são aplicáveis? Terá um método específico?

Pois bem, desde os opúsculos, Comte admite a sua máxima de que o método não pode ser estudado separado da doutrina. Êle sempre opinou como inútil e ineficaz um discurso do método em separado e em abstrato. Já nos opúsculos, êle diria como mais tarde veio a dizer Dilthey, numa frase muito feliz que correu mundo: o método é como uma faca, é preciso ver se corta... E' o que se lê em certo trecho: "La vigueur et l'influence d'une méthode se mesurent par le nombre et l'importance de ses applications; celles qui ne produisent plus rien cessent bientôt absolument d'être employées" (93).

Mas o seu ponto de partida resume-se num *slogan* (permitam-nos a palavra...), que será repetido por tôda a sua vida: observação em vez de imaginação. A condição fundamental a ser preenchida para que a política seja tratada como ciência positiva, diz êle, consiste em determinar com precisão os limites nos quais se encerram as combinações de ordem social. Em outros termos é preciso que, no domínio da política, a exemplo das outras

(93) *Opúsculo de 1825* — pág. 145.

Para o behaviorista social George A. Lundberg, persiste ainda a mesma confusão metodológica do tempo de Comte — *Foundations of Sociology* — New York — 1939 — pág. VII/VIII: "There exists at present no explicit statement of postulates from which generalizations in these sciences are derived. Consequently there is endless confusion, contradiction, and argument regarding the permissible and effective methods of research and the validity of the conclusions reached in those fields. Comte sensed this dilemma a century ago, and it still oppresses the social sciences".

ciências, o papel da observação e o da imaginação sejam perfeitamente distintos, e que a segunda fique subordinada à primeira (94).

Só com este critério é que se pode conseguir a revolução capaz de colocar o homem no seu justo papel, nem escravo, nem senhor dos fenômenos naturais, e sim somente seu conhecedor, podendo obter pequenos modificações na ordem natural que lhe é dada observar. Até então tem predominado a imaginação sobre a observação, mantendo a política no mesmo estado em que se encontravam as demais ciências antes de haverem atingido o estado positivo. A pesquisa absoluta do melhor governo possível, abstração feita do estado da civilização, é evidentemente igual à de um tratamento aplicável a todas as doenças e todos os temperamentos.

A política deve limitar-se a observar os fenômenos e a ligá-los entre si, através de leis naturais. E, já com o nome definitivo de *método positivos* "La méthode positive est la plus sûre dans sa marche, et même la seule sûre; mais elle est en même temps la plus lente, et, par cette raison, nullement convenable à l'enfance de l'esprit humain. Si cet inconvénient a pu être sensible, même quand notre intelligence était depuis longtemps en pleine activité, qu'on juge de ce qu'il eût à l'époque de nos premiers efforts. La simple possibilité d'une telle méthode suppose préalablement une suite d'observations, d'autant plus longue que les premières lois naturelles sont toujours celle dont la découverte exige le plus de temps" (95).

Assim, o primeiro método para transformar a sociologia consiste em observar detidamente os fatos sociais, mas sempre guiada, a observação, por uma teoria prévia, que os sistematize e os explique. Se tudo é relativo — e Comte declarou no prefácio dos *Opúsculos* que já havia criado esta frase: *Tout est relatif; voilà le seul principe absolu*, desde o seu primeiro trabalho de 1817 — somente através da observação é que o homem poderá conhecer realmente o estado social real, e não um estado absoluto, imodificável e sempre igual.

Depois da observação, caberá a experimentação em sociologia? Comte enfrentou a questão. Acha-a difícil para ser respondida frontalmente, mas não nega o emprêgo da experimentação indireta, como em psicologia, aproveitando-se o observador dos estados anor-

mais da própria sociedade. E foi neste mesmo sentido que se disse por muito tempo que a Rússia é um imenso laboratório de novas experiências sociais...

Em suas palavras: "Au premier abord, cette nouvelle science semble réduite à la simple observation, et totalement privée du secours des expériences, ce qui ne l'empêcherait pas d'être positive, témoin l'astronomie. Mais, en physiologie, indépendamment des expériences sur les animaux, les cas pathologiques sont réellement un équivalent d'expériences directes sur l'homme, parce qu'ils altèrent l'ordre habituel des phénomènes. De même et par un motif semblable, les époques multipliées où les combinaisons politiques ont tendu, plus ou moins, à arrêter le développement de la civilisation, doivent être regardée comme fournissant à la physique sociale de véritables expériences, encore plus propres que l'observation pure à dévoiler ou à confirmer les lois naturelles qui président à la marche collective de l'espèce humaine" (96).

Hoje, diríamos que todos os estados de desajustamento social, de guerra, de revolução, de epidemia, de miséria, de desemprego, de greve, e assim por diante, servem, indiretamente, de meios para a observação da vida social normal. Pelo que se alterou, pode-se concluir a respeito da sua estrutura normal e do seu funcionamento natural.

(96) *Opúsculo de 1822* — págs. 130/131.

Até há bem pouco tempo, manteve-se a sociologia neste mesmo impasse a respeito da aplicação do método experimental em suas pesquisas. Somente com a sociometria de Moreno é que se começou, decidida e diretamente, a empregar a experimentação nos estudos sociológicos, com delimitação do campo de pesquisa e do objeto analisado. O próprio Moreno destacou a necessidade da redução do campo para o eficaz emprêgo do método experimental, com abandono da macrosociologia em favor da microsociologia, mas ainda assim referiu-se a Comte.

Sobre isso, podem ser vistos: J. L. Moreno — *Sociometry, Comitism and Marxism* — in *Sociometry* — vol. VIII — n.º 2 — 1945 — págs. 115 e segs.; Roger Girard — *Attitudes Collectives et Relations Humaines* — Paris — 1953 — págs. 61/62; G. Gurvitch — *Microsociologie et Sociométrie* — in *Cahiers Internationaux de Sociologie* — 1947 — vol. III — pág. 24/67; J. L. Moreno — *Méthode Expérimentale, Sociométrie et Marxisme* — in *Cah. Int. de Soc.* — 1949 — vol. VI — págs. 43/77; J. L. Moreno — *La Méthode Sociométrique en Sociologie* — in *Cah. Int. de Soc.* — 1947 — vol. II — 88/101.

(94) *Opúsculo de 1822* — págs. 82/83.

(95) *Opúsculo de 1825* — pág. 141.

Além da observação e da experimentação, indicava Comte, principalmente, a comparação. Lá está: "La physiologie n'est définitivement constituée que depuis que la comparaison des différentes classes d'êtres vivants est largement établie, et qu'elle commence à être régulièrement employée dans l'étude de l'homme."

Il en est, en politique, des divers états de civilisation, comme des organisations diverses en physiologie. Seulement, les motifs qui obligent à considérer les différentes époques de civilisation sont encore plus directs que ceux qui ont porté les physiologistes à établir la comparaison de toutes les organisations" (97).

Dai — pela comparação — conclui Comte imediatamente pela necessidade do método histórico. Dentro do mesmo estado social, não se poderia determinar com precisão o seu sentido evolutivo, sem a comparação com outros estados de civilização. Aliás, é curioso frisar, Comte usa a expressão *tendance actuelle*, expressão esta ainda hoje muito empregada na sociologia, haja vista a série de livros americanos sobre *social trends*. Era tão grande a confiança do nosso filósofo nesse seu método comparativo histórico, que ele dizia ser possível pelo estudo do passado, conceber-se um estado futuro, e só então sendo possível o estudo do presente. Assim, a ordem filosófica seria diferente da ordem cronológica: seria passado, futuro e presente.

Observe-se a semelhança deste método com o chamado dialético. Em Hegel ou em Marx, as coisas caminham de maneira triplíce: tese, antítese e síntese, isto é, afirmação, negação e negação da negação. O último estado é resultado da fusão dos anteriores, de tal modo que pode ser previsto, porque deverá acontecer fatalmente. Das novas forças que se formavam no interior do capitalismo, usando Marx o estudo do seu passado, "pode" prever qual será o seu futuro. Comparando o passado com o presente, admite Marx que se possa acompanhar a tendência da sociedade para a forma futura que há de vir.

Mas não é só nest passagem que Comte lembra o método dialético, há outros trechos seus que mais parecem escritos por Marx. Vejamos este, por exemplo: "Se système social avait pris naissance pendant la durée du système précédent, et même à l'époque où

celu-ci venait d'atteindre son développement intégral. Pareillement, lorsque le système féodal et théologique s'est constitué au moyen âge, le germe de sa destruction commençait à naître, les éléments du système qui doit le remplacer aujourd'hui venaient d'être créés" (98).

Já Leibniz dizia que "le present est gros de l'avenir", frase esta muito do agrado dos marxistas. Pois bem, não é a que se contém exatamente no trecho acima de Comte? Alguns comentaristas isolados têm procurado mostrar alguma proximidade entre Comte e Marx, mas nenhuma até hoje, ao que sabemos, sob este aspecto, e muito menos através destes trechos dos opúsculos.

Mas esse seu método dialético aparece inúmeras vezes, com a mesma precisão. Mostraremos, adiante, novas semelhanças entre ambos.

Pela imaginação, subordinada à observação, mas não de todo abandonada, o sociólogo constrói as hipóteses, mas não entregue a si mesma, livremente, e sim controlada pelos trabalhos científicos. Perde, pois, a imaginação qualquer inconveniente, podendo desempenhar um papel preponderante. Não inventará nenhum sistema novo a se constituir, mas a adoção do que tenha sido determinado pela política positiva.

Quanto ao método classificatório, já vimos em citações anteriores a importância que Comte lhe dava nos estudos dos fenômenos, a ponto de admitir a classificação como a expressão filosófica da ciência, da qual segue o progresso. Conhecer a classificação, para Comte, é conhecer a própria ciência, pelo menos na sua parte mais importante.

E a estatística? Força é confessá-lo que Comte não lhe augurava grande futuro. Preocupado sempre pelos estudos históricos, pelo método de filiação histórica, achava que somente através da comparação de mais de um estado evolutivo social é que se poderia observar o atual. E escreveu, textualmente: "Il est absolument au-dessus des forces de l'esprit humain d'établir, au milieu d'une telle confusion, une analyse claire et exacte, une statistique réelle

et précise du corps social, sans être éclairé par le flambeau du passé" (99).

De certa maneira, ainda é esta a crítica que hoje mais se faz à estatística, a de que não pode esgotar com os seus números, meramente quantitativos, tudo quanto há de qualitativo, de tendencial, numa dada sociedade. Conhecendo o seu passado, os seus antecedentes, fica muito mais compreensivo o seu estado atual.

Quanto ao emprego da matemática na sociologia, revela-se Comte absolutamente hostil, apesar de se tratar de um especialista exatamente em matemática. Ainda hoje procede a sua crítica, e

(99) *Opúsculo de 1822* — pág. 100.

Ainda recentemente, escreveria R. MacIver sobre os perigos do método estatístico, usado isoladamente — *Comunidade* — *Estudo Sociológico* — trad. de J. Prados Arrarte — Buenos Aires — 1944 — págs. 26/27: "Puede añadirse algunas palabras como conclusión, respecto al valor y significación de las estadísticas sociales. En sentido estricto, no representan aquéllas — totales, medias, porcentajes, gráficos y funciones — hechos sociales, sino símbolos de ellos, y deben ser interpretadas para que éstos resulten de ellas. Es la dificultad e inseguridad de la interpretación, lo que conduce a la opinión de que "las estadísticas pueden probar cualquier cosa". Podemos ilustrar esta necesidad de interpretación tomando el caso simples de los promedios. En primer lugar, sólo pueden ser promediadas cosas medibles, como alturas, pesos, etc., mientras que los hechos sociales esenciales — relaciones e instituciones sociales — no son mensurables directamente". Contudo, destaca MacIver o valor inestimável da estatística quando bem aplicada e interpretada, como capaz de apontar regularidades profundas da sociedade, que, sem ela, ficariam inteiramente despercebidas e sem observação direta (pág. 28).

Sobre Comte e o método estatístico: G. Bouthoul — *Op. cit.* págs. 133/134; John A. Fairlie — *Political Science and Statistics* — in Ogburn and Goldmweiser — *Op. cit.* — pág. 291; Emory S. Bogardus — *Sociology* — New York — 1941 — pág. 530.

François Simiand — *Statistique et Expérience* — Paris — 1922 — págs. 39/40 — chama também a atenção para a necessidade do histórico do fato social que se quer observar através da estatística. O seu desenvolvimento deve estar sempre presente na pesquisa estatística, para que não seja fracionado em sua unidade.

Atualmente, é imensa a bibliografia sobre as aplicações da estatística à sociologia, constituindo mesmo lugar-comum a recomendação da cautela na interpretação dos dados estatísticos e a sua complementação com outros elementos qualitativos, tendenciais, apreensíveis por outros métodos. Veja-se — Margaret Jarman Hagood — *Statistics for Sociologists* — New York — 1941 — pág. 3/4.

o livro recente de Pitirim Sorokin defende a mesma tese. À época em que escreveria Comte, ainda não se havia constituído a sociologia como ciência independente, e mostrava êle então que as ciências matemáticas não poderiam substituí-la, aplicando, desde logo, os seus métodos à própria matéria social. Somente depois da coleta de dados, da sistematização dos elementos observados, da elaboração dos primeiros princípios gerais e das leis da nova ciência, dizia Comte, é que se poderá falar na possibilidade ou não da análise matemática à sociologia. A primeira não substitui a segunda, que precisa antes existir como ciência autônoma e com métodos próprios de pesquisa e sistematização: "En second lieu, quand on suppose qu'un tel espoir pût jamais se réaliser, il demeurerait incontestable que, même pour y parvenir, la science politique doit être étudiée d'une manière directe, c'est-à-dire en s'occupant uniquement de coordonner la série des phénomènes politiques.

En effet, de quelque haute importance que soit l'analyse mathématique, considérée dans ses véritables usages, il ne faut pas perdre de vue qu'elle n'est science purement instrumentale ou de méthode. Par elle-même elle n'enseigne rien de réel; elle ne devient une source féconde de découvertes positives qu'en s'appliquant à des phénomènes observés.

Dans la sphère des phénomènes qui comportent cette application, elle ne saurait jamais avoir lieu immédiatement. Elle suppose toujours, dans la science correspondante, un degré préliminaire de culture et de perfectionnement, dont le terme naturel est la connaissance de lois précises dévoilées par l'observation relativement à la quantité des phénomènes. Aussitôt que de telles lois sont découvertes, quelque imparfaites qu'elles soient, l'analyse mathématique devient applicable. Dès lors, par les puissants moyens de déduction qu'elle présente, elle permet de réduire ces lois à un très petit nombre, souvent à une seule et d'y faire rentrer, de la manière la plus précise, une foule de phénomènes qu'elles ne semblaient pas d'abord pouvoir comprendre. En un mot, elle établit dans la science une coordination parfaite, qui ne pourrait être obtenue au même degré par aucune voie. Mais il est évident que toute application de l'analyse mathématique, tentée avant que cette condition préliminaire de la découverte de certaines lois calculables ait été remplie serait absolument illusoire. Bien loin de pouvoir rendre positive aucune branche de nos connaissances, elle n'aboutirait qu'à

replonger l'étude de la nature dans la domaine de la métaphysique, en transportant aux abstractions le rôle exclusif des observations" (100).

Mostra Comte que, mesmo nas ciências da natureza, tais como a astronomia e a física, a aplicação da matemática somente se tornou possível depois que, através de uma longa série pesquisas, de observações e de experiências, alcançaram um estado de perfeição, tendo construído por elas próprias as primeiras leis numéricas. E para que o mesmo se dê na sociologia são necessários alguns séculos de cultura (101).

Outro argumento que Comte apresenta contra a matematização da sociologia, ou melhor, contra a substituição da sociologia pela matemática, é a extrema variabilidade dos fatores sociais, que se sucedem numa grande rapidez, e de modo inteiramente irregular, sob a influência de uma infinidade de causas diversas que não comportam ainda uma estimação precisa.

Não viu Comte a possibilidade do êxito da aplicação do cálculo de probabilidades, porque êle sempre se colocou numa atitude de crítica e de ceticismo quanto à própria teoria, em si mesma. Contudo, apesar de achá-lo trivial e de simples trabalho de bom senso, admitia-o como incapaz de êxito fora de suas aplicações naturais. E hoje em dia — como acontecee nas próprias ciências naturais — é o cálculo de probabilidades o que maiores possibilidades e sucessos vem obtendo nas ciências sociais, através de suas médias de regularidade e de suas leis meramente estatísticas.

Já nos opúsculos, Comte fazia distinção entre precisão e certeza das ciências, distinção esta que tanto agradou a Sorokin, que ainda há pouco a citava com elogio, mas do *Cours*. Eis o trecho em questão: "Ce n'est point comme étant des applications de l'analyse mathématique que l'astronomie, l'optique, etc., sont des sciences positives et certaines. Ce caractère vient d'elles-mêmes, il résulte

(100) *Opusculo de 1822* — pág. 121.

(101) *Opusculo de 1822* — pág. 120/124.

Colocando-se no mesmo ponto de vista de Comte — James Q. Dealey e Lester F. Ward — *Manual de Sociologia* — trad. de Antonio Ferrer y Robert — Barcelona — s./d. — pág. 21; E. Bouthroux — *De l'idée de Loi Naturelle dans la Science et la Philosophie Contemporaines* — nova ed. — Paris — 1950 — pág. 132.

de ce qu'elles sont fondées sur des faits observés, et il ne pouvait résulter que de là, car l'analyse mathématique, isolée de l'observation de la nature, n'a qu'un caractère métaphysique. Seulement, il est certain que dans les sciences auxquelles les mathématiques ne sont pas applicables, on doit beaucoup moins perdre de vue la stricte observation directe; les déductions ne peuvent point être aussi prolongées avec sûreté, parce que les moyens de raisonnement sont bien moins parfaits. A cela près, la certitude est tout aussi complète, en se renfermant dans les limites convenables. On obtient, sans doute, une moins bonne coordination, mais elle est suffisante pour les besoins réels des applications de la science" (102).

Vê-se, assim, que Comte não é tão mecanicista, fisicista ou matematista, como muitas vezes o encontramos classificado nos tratados modernos de sociologia. Reconhecia a especificidade do fato social e a impossibilidade de sua redução a qualquer fato de outra ciência. O conteúdo da sociologia tem de ser social, diretamente social; mais tarde, é que se poderá falar na coordenação e na sistematização desses dados, mas depois de previamente bem constituída a ciência. Poderá não ter a mesma precisão da matemática, mas apresentará um grão de certeza satisfatório.

8 — Nos opúsculos de Comte ainda não aparece, sistemática, a divisão que êle irá fazer mais tarde entre *estática* e *dinâmica social*. Contudo, já aparecem os elementos constitutivos dessas duas grandes partes da sua sociologia. Da *sua*, dizemos mal, porque até hoje, nos livros mais recentes, ainda se aceita esta divisão básica da sociologia. Entre outros, admitem-na: Scheler, Sorokin, Znaniecki, Halbwachs, Durkheim, Ginsberg, e assim por diante. Por outro lado, mostra Gurvitch, como estas duas noções persistem camufladas no vocabulário dos sociólogos contemporâneos, sob os termos de "orden social", "organização social", "instituições sociais", opondo-os aos de "desorden social", "desorganização social" e "desintegração social" (103).

Florian Znaniecki é mais explícito: "It was Comte who first used the old contrast between stable order and change as a basis for dividing sociology, in the sense of a general science of culture,

(102) *Opusculo de 1822* — pág. 124.

(103) G. Gurvitch — *Op. cit.* — págs. 23/24.

into two parts: "social statics", i.e., theory of "society" as an orderly cultural system at a given stage of its existence; and "social dynamics", i.e., theory of change (which he conceived as "progress") from an earlier to a later stage. This division has been explicitly or implicitly adopted by many sociologists, even if under different terms. General theories and specific studies of "social structure", "institutional structure", "social order", "social organization", on the one hand, and of "social change", "cultural change", "social process", "social disorganization", on the other hand, are frequently considered as distinct parts of sociology and even published separately" (104).

Preliminarmente, devemos chamar a atenção para o fato de que, mesmo desde os opúsculos, nunca afirmou Comte a existência de uma oposição absoluta entre as suas duas partes da sociologia. Diria ele mais tarde que o progresso nada mais é do que a ordem em movimento, quer dizer, os dois estados estão sempre em relação recíproca. Assim como não há ordem sem progresso, também não há progresso sem ordem. Abandonando esta linguagem politizante e hoje bem ultrapassada em sociologia, deixando o império enganoso das palavras, vamos encontrar em Comte a afirmativa de que, em qualquer estrutura social, há sempre movimento incessante, transformações e dinamismo que não param. Ven ele expando a necessidade do estudo comparativo dos diversos estágios de civilização entre si, quando escreve que, mesmo dentro de um só estágio,

(104) F. Znaniecki — *Cultural Science*, cit. págs. 108, 279/280.

Esta divisão entre *estática e dinâmica*, com estas mesmas palavras ou pequenas variações de vocabulário, ainda é aceita por muitos sociólogos atuais: P. Sorokin — *Society*, cit. — pág. 17; M. Scheler — *Op. cit.* — pág. 4; J. Haesaert — *Essai de Sociologie* — Gand — s./d. (mas posterior a 1943) — págs. 35 e 187; G. Bouthoul — *Op. cit.* — págs. 88/89, e em Comte, 180; R. Maunier — *Op. cit.* — pág. 17, usa as expressões *conservação e transformação* e em *Essais sur les Groupements Sociaux* — Paris — 1929 — pág. 111, repete-as, unindo-as então às conhecidas denominações de Comte; M. Halbwachs — *Morphologie Sociale* — Paris — 1938 — pág. 182; E. Durkheim — *Sociologie et Sciences Sociales*, cit. — págs. 270/271; Joseph B. Gittler — *Social Dynamics* — New York — 1952 — cujo título já é um sintoma; Dealley e Ward — *Op. cit.* — págs. 175 e segs.; René Hubert — *Manuel Élémentaire de Sociologie* — Paris — 1949 — pág. 18.

Sobre esta divisão em Comte não indicamos bibliografia especial, pois se trata de assunto obrigatório em todos os autores que estudam o filósofo.

há sempre mudança social: "Mais que peut apprendre l'observation isolee d'un seul état, dans lequel tout est confondu, les doctrines, les institutions, les classes qui descendent, et les doctrines, les institutions, les classes qui montent, sans compter l'action éphémère qui ne tient qu'à la routine du moment? Quelle sagacité humaine pourrait, dans un assemblage aussi hétérogène, ne pas s'exposer à prendre les uns pour les autres ces éléments opposés? Comment discerner les réalités qui font si peu de bruit, au milieu des fantômes qui s'agitent sur la scène?" (105).

Aparece também nos opúsculos uma noção que nunca mais sairá do sistema comtiano, até hoje admitida em sociologia, apesar dos inúmeros desvios doutrinários a que esteve submetida: a de *consensus* social. Este conceito é o centro mesmo da estrutura social, em que Comte mostra a interdependência de todos os fatores sociais numa dada sociedade. Todos se influem reciprocamente, num processo causal circular. Nela está contida a teoria comtiana do grupo social.

Que é o grupo? Responde Vierkandt: uma objetivação social, uma categoria social, em que o todo se impõe aos indivíduos, dando-lhes uma nova realidade que não decorre da sua simples soma, e sim de alguma coisa de novo, vinda de todos, mas que se impõe a todos, capaz de persistir além deles, considerados como indivíduos (106). E no trecho que vamos citar, verifica-se que Comte se refere a *societade*, indefinidamente, seja qual for a sua extensão e complexidade. Não é a *Societade*, e sim qualquer *societade*: "Un système quelconque de société, qu'il soit fait pour une poignée d'hommes ou pour plusieurs millions, a pour objet définitif de diriger vers un but général d'activité toutes les forces particulières. Car, il n'y a société que là où s'exerce une action générale et combinée. Dans toute hypothèse, il y a seulement agglomération d'un certain nombre d'individus sur un même sol. C'est là ce qui dis-

(105) *Opúsculo de 1822* — pág. 99

(106) A. Vierkandt — *Kleine Gesellschaftslehre* — Stuttgart — 1949 — págs. 6/8, *Das Wesen der Gruppe*. Sobre o grupo em geral, com exposição de todas as doutrinas contemporâneas, o nosso *O Problema do Sindicato Único no Brasil* — *Seus Fundamentos Sociológicos* — Rio — 1952 — caps. I/II.

tingue la société humaine de celle des autres animaux qui vivent en troupes" (107).

Pois bem, ainda hoje é certo este conceito. E não há muito se baseava Ellsworth Faris no conceito de *consensus* (sem se referir a Comte), para dar a distinção entre um simples grupo estatístico e um grupo sociológico, que nada acrescenta ao oferecido por Comte na sua juventude. (108).

E como define Eugène Dupréel o grupo social? Da seguinte forma: toda reunião de indivíduos em cujas relações sociais o elemento de acôrdo sobrepuja o de antagonismo. Mostra Dupréel que no seio de qualquer grupo, estão sempre em luta os dois processos: de coesão e de dispersão, de cooperação e de conflito (109). Pois é

(107) *Opúsculo de 1822* — pág. 63.

(108) Ellsworth Faris — *Grupos primitivos: Essência e Acidente* — in *Estudos de Organização Social* — ed. por Donald Pierson — S. Paulo — 1949 — pág. 200: "Alguns escritores usam a palavra "grupo" para indicar simplesmente o agregado de indivíduos que o compõem. E' neste sentido que a estatística o emprega. As idades das pessoas divorciadas podem ser grupadas em classes, as médias podem ser computadas, assim como se podem calcular as relações com outros aspectos. Tal grupo não passa de mera coleção de unidades, e as médias nada mais são do que símbolos abstratos que indicam o caráter generalizado destas unidades. O grupo sociológico, porém, envolve o consenso, o concêrto a comunicação. O grupo estatístico existe para o estatístico; o grupo sociológico existe para os seus membros. Naquele são os indivíduos que constituem o grupo; neste, é o grupo que faz os seus membros".

(109) E. Dupréel — *Le Rapport Social* — Paris — 1912 — pág. 42 e *Variété des Groupes Sociaux* — in *Cal. Int. de Soc.* — Paris — 1947 — Vol. II — págs. 32/56.

Sobre a noção de *consensus* na sociologia de Comte, vejam-se os autores sempre referidos sobre a sua doutrina social. Admitindo-a ainda na sociologia contemporânea, entre outros: M. Ginsberg — *Manual de Sociologia* — trad. de J. Medina Echavarría — Buenos Aires — 1942 — págs. 20/21. Curioso é o emprego que faz O. A. Oeser da noção de *consensus*, tratando de um assunto inteiramente diverso, qual seja o problema do desemprego, por onde se vê a utilidade desse conceito comtiano — *The Value of Team Work and Functional Penetration as Methods in Social Investigation* — in *Study, de Barthett*, cit. — pág. 406.

Sobre a teoria dos grupos em Comte, em geral, com aceitação: L. von Wiesse — *System...*, cit. — pág. 140; P. Sorokin — *Society*, cit. — pág. 167; F. Znaniecki — *Cultural Sciences*, cit. — pág. 150; W. Jerusalem — *Op. cit.* — pág. 20. E veja-se esta definição de John Dewey, inteiramente idên-

o que já dizia Comte: "Aucune société réelle et compacte ne peut se former et se maintenir sans l'influence d'un système d'idées quelconque, capable de surmonter l'opposition des tendances individuelles, si prononcées à l'origine et de les faire concourir à un ordre constant" (110).

Dado o conceito de *grupo social* em Comte, vamos mostrar agora que, muito antes de Marx, já distinguia êle entre estrutura e superestrutura nas sociedades. Não com estes termos, é claro, mas com igual nitidez de conceitos. Diz Comte que os primeiros artesãos livres da Idade Média, a princípio, nada possuíam de próprio; Mas tudo que tinham e êles próprios pertenciam a seus senhores. Mas a sua aglomeração nos centros urbanos, a sua libertação, acabou por criar uma propriedade industrial, tendo por origem o trabalho, propriedade distinta, independente e logo rival da propriedade territorial, que era puramente de natureza militar. E conclui: "Par cette memorable innovation, la capacité industrielle put se développer, se perfectionner, s'étendre, et les nations purent s'organiser dans toutes leurs parties sur une base industrielle, la tête seule de la société restant militaire, ainsi que la direction générale dont elle continuait à demeurer en possession" (111).

Na mesma ordem de idéias: "Une capacité temporelle positive, c'est-à-dire la capacité industrielle, prit naissance à côté du pouvoir temporel parvenu à son entier développement; et une capacité spirituelle positive, c'est-à-dire la capacité scientifique, s'éleva derrière le pouvoir spirituel, à l'instant où il commençait à dévalopper tout son activité" (112).

E a mudança social se faz, então, de maneira dialética nas relações entre essas *capacidades* sociais novas que surgiam e os *poderes* temporal e espiritual que já existiam. Além do trecho citado em parágrafo anterior, alguns outros podem ser apresentados, em que se patenteia uma noção dialética de mudança social em

tica à de Comte — *La Escuela y la Sociedad* — trad. de Domingo Barnés

— Madrid — 1929 — pág. 30: "Una sociedad es un grupo de personas que se mantienen unidas porque trabajan en direcciones comunes, en un espíritu común, y con referencia a comunes aspiraciones".

(110) *Opúsculo de 1825* — pág. 143.

(111) *Opúsculo de 1820* — pág. 6.

(112) *Opúsculo de 1820* — pág. 7.

Comte, absolutamente análogo à de Marx. Alguns exemplos: "Ainsi, en résumant les observations précédentes, nous pouvons poser en principe de fait, qu'au moment où le système féodal et théologique fut définitivement organisé, les éléments d'un nouveau système social commencèrent à se former" . . . "Au onzième siècle, le pouvoir temporel et le pouvoir spirituel se sont définitivement constitués, et en même temps deux capacités positives ont commencé à se former derrière ces deux pouvoirs, et à préparer leur décadence et leur remplacement. En un mot, un système s'est établi, et un autre a pris naissance. Depuis cette époque, ces deux systèmes ont toujours coexisté en se choquant, tantôt sourdement, tantôt ouvertement, et de manière que le premier a de plus en plus perdu de ses forces, tandis que le second en a de plus acquis" . . . "Si les historiens eussent mieux analysé et plus approfondi l'examen du moyen-âge, ils ne nous auraient pas parlé uniquement de la partie visible de cette période; ils auraient constaté la préparation graduelle de tous les grands événements qui se sont développés plus tard, et ils n'auraient pas présenté les explosions du seizième siècle et des siècles suivants, comme brusques et imprévues". "Un système social qui s'éteint, un nouveau système parvenu à son entière maturité et qui tend à se constituer, tel est le caractère fondamental assigné à l'époque actuelle par la marche générale de la civilisation. Conformément à cet état de choses, deux mouvements de nature différente agitent aujourd'hui la société: l'un de désorganisation, l'autre de réorganisation. Par le premier, considéré isolément, elle est entraînée vers une profonde anarchie morale et politique qui semble la menacer d'une prochaine et inévitable dissolution. Par le second, elle est conduite vers l'état social définitif de l'espèce humaine, le plus convenable à sa nature, celui où tous ses moyens de prospérité doivent recevoir leur plus entier développement et leur application la plus directe" (113).

(113) *Opúsculo de 1820* — págs. 7, 8 e 10 e *Opúsculo de 1822* — pág. 47.

Mais de um autor tem aproximado Comte de Marx, mas o fazem de maneira genérica, sem maiores argumentos ou demonstrações de fundamentos. E o fazem principalmente pela compreensão da linha evolutiva na história, tendo como objetivo um determinado ponto final, definitivo, com o qual começaria a verdadeira história, tendo constituído todo o pas-

até pelo final *fatalista*, à maneira de Hegel, aproxima-se o pensamento de Comte do de Marx. Neste, é o estado comunista a etapa final da evolução social; naquele, o estado positivo, que dará nova e definitiva organização à sociedade.

Antecipando o método tipológico contemporâneo, à maneira de Durkheim, e mesmo de Jellinek e Weber, criou Augusto Comte, inspirado diretamente em Saint-Simon, dois tipos históricos de organização social: o militar e o industrial. Ambos se caracterizam por propriedades inteiramente diversas e antagonicas, que dão estrutura a toda a sociedade correspondente, determinando-lhe as concepções de vida, as formas organizacionais, a estratificação social, a divisão do trabalho, enfim toda a vida social. Como acontece ainda hoje em boa parte da sociologia, a classificação de Comte é de índole evolutiva. Passa-se do tipo militar para o industrial. Naquele, o domínio se faz sobre pessoas; neste, sobre coisas, a própria natureza. Lembra muito a classificação de associações apresentada, meio século depois, por Otto Gierke, em relações de domínio (*Herrenschaft*) e relações de colaboração (*Genossenschaft*). E, de resto, a mesmíssima classificação de Herbert Spencer.

Mas é verdade que Comte já apresenta estes dois tipos de organização como tipos sistemáticos, dogmáticos, cabíveis em qualquer sociedade, e não unicamente históricos: "D'un autre côté, il n'y a que deux buts d'activité possibles pour une société, quelque nombreuse qu'elle soit, comme pour un individu isolé. Ce sont l'action violente sur le reste de l'espèce humaine, ou la conquête, et l'action sur la nature pour la modifier à l'avantage de l'homme, ou la production. Toute société qui ne serait pas nettement organisée pour l'un ou pour l'autre de ces buts ne serait qu'une association bâtarde et sans caractère" (114).

Mas ninguém até agora os aprovado mera preparação indispensável.

Mas ninguém até agora os aprovado merely através destes textos por nós apresentados.
Sobre o assunto, em geral: René Le Senne — *Op. cit.* — págs. 121/122; W. Windelband — *Op. cit.* — pág. 655; W. Bauer — *Introducción al Estudio de la Historia* — trad. de Luis G. de Valdeavellano — Barcelona — 1944 — pág. 36; Leonidas de Rezende — *A Formação do Capital e o seu Desenvolvimento* — Rio — 1932 — págs. 357/385.

(114) *Opúsculo de 1822* — pág. 64.

Em mais de um local, volta Comte a frisar esta distinção entre os dois tipos de forma social, em que toda a estrutura social se altera pro-

9 — Encontra-se igualmente nos opúsculos comtianos uma nítida e perfeita noção de diferenciação social, com um começo de classificação de formas de sociabilidade, além de uma perfeita noção dos efeitos sociais da divisão do trabalho social. Aliás, diga-se de passagem, os trechos decisivos do livro mestre de Durkheim sôbre o fundamento: no primeiro, é o regime de autoridade, do domínio pessoal, do predomínio absoluto da sociedade, da indiferenciação social; noutro, predomina a livre iniciativa, a cooperação consciente, com o domínio das coisas, o aparecimento da personalidade, e maior diferenciação social na divisão do trabalho.

Até pela denominação — tipo militar e tipo Industrial — identifica-se, desde logo, esta classificação de Comte com a de Spencer. Aliás, este nada mais é do que o continuador do primeiro, no conjunto de seu sistema. Spencer é Comte mais Darwin. Para a exposição da doutrina desses tipos em Spencer — *Principles of Sociology* — trad. de Gazelles — Vol. II — págs. 134 e segs.; J. Rumney — *Spencer* — trad. de Tomáz Muñoz Mollina — México — 1944 — págs. 81/84.

Os comentaristas de fala inglesa procuraram sempre dar maior originalidade ao sistema de Spencer em relação ao de Comte, mas não podem escapar a uma aproximação dos dois. Podem ser vistos, em geral: J. Rumney — *Op. cit.* — págs. 41 e segs.; E. de Roberty — *La Sociologie* — Paris 1881 — pág. 11; A. Menzel — *Op. cit.* — pág. 38, entre outros.

Mas esta doutrina de Comte sôbre os dois tipos — militar e Industrial — aproxima principalmente de Ferdinand Tönnies, o fundador da moderna sociologia alemã, com a sua teoria da *comunidade e sociedade*, além de sua própria lei evolutiva, à maneira de Sumner Maine, do *status* para o contrato. Aliás, Tönnies sempre foi um dos maiores conhecedores alemães dos diversos sistemas estrangeiros. Em mais de uma oportunidade ocupou-se êle com as idéias de Comte, sendo, juntamente com H. Waething, um dos seus primeiros divulgadores na Alemanha. Dêste autor, pode ser visto: *Auguste Comte und seine Bedeutung für die Entwicklung der Sozialwissenschaft* — Leipzig — 1894.

Em três oportunidades, pelo menos, ocupou-se Tönnies de maneira especial da obra de Comte: *Neuere Philosophie der Geschichte: Hegel Marx, Comte* — in *Arch. Gesch. d. Phil.* — VII — págs. 486/515 (1894), crítica ao livro de F. Alengry sôbre Comte no *Schm. Jb.* — Vol. XXVII — 1903 — pág. 337 e *Comtes Begriff der Soziologie* — in *Meschr. Sociol.* — I — págs. 42/50.

Para as aproximações Comte-Tönnies, além da obra principal deste último — *Gemeinschaft und Gesellschaft* — 6a. e 7a. eds. — Berlin — 1926, podem ser vistos: V. Leemans — *F. Toennies et la Sociologie Contemporaine* — Paris — 1933 — págs. 2, 5, 82, e René Maunier, no prefácio, pág. V; J. Leif — *La Sociologie de Tönnies* — Paris — 1946 — págs. 103/105, 156/7; J. Leif — na introdução da trad. franc. *Communauté et Société* — Paris — 1944 — pág. V; G. Bouthoul — *Op. cit.* — pág. 185.

assunto baseiam-se sempre numa citação de Comte, embora de outro livro, que não dos opúsculos.

Embora a sociologia atual — na sua maior parte — seja inteiramente contrária à evolução, no sentido do século XIX, não há como negar que o conceito de diferenciação ainda mantém as mesmas notas essenciais: à medida que uma sociedade vai-se tornando mais densa, mais rica em estrutura, vai-se tornando, por igual, mais diferenciada, mais rica em órgãos próprios para funções específicas. Está em qualquer compêndio de sociologia. Ensina Marshall Jones, num livro de texto recente: "Differentiation as a social process is defined as variation associated with interaction. This rather technical definition means simply that people tend to develop differences, in other words, to vary, as a result of the interactions they experience or as result of the ways in which they experience interactions" . . . "Specialization is so closely related to differentiation that we may regard it as one kind of differentiation. It is defined as division of labor or division of function" . . . "Specialization in complex societies accompanies an increasing understanding and control of natural processes and an increasing elaboration of culture patterns in general. Significant also is a large population which not only gives scope for the activities of specialists, but also provides the resources of ability and talent necessary for the development of specialists" (115).

O mesmo autor, representando a opinião de um sem-número de sociólogos atuais, classifica a diferenciação como um processo social mais desintegrativo do que integrativo, pelos seus excessos de fragmentação da sociedade ou do grupo.

Tudo isso se encontra em Comte. Num arremêdo de formas de solidariedade social, como mais tarde viria a desenvolver Durkheim — e que não se livrou do caráter histórico da classificação

(115) Marshall E. Jones — *Basic Sociological Principles* — Boston — 1949 — págs. 374/377.

Também para a mesma afirmação — maior complexidade social, maior divisão do trabalho, mais especialização — John F. Cuber — *Sociology — A Synopsis of Principles* — New York — 1947 — págs. 416/417. Sobre diferenciação social e divisão do trabalho, nesta mesma linha de complexidade crescente — R. Hubert — *Sociologie*, cit. — págs. 495/496; A. Nicotero — *Les Indices numériques de la Civilisation et du Progrès* — Paris — 1921 — pág. 42, que cita Durkheim, Spencer e Comte, no *Cours*..

comitana — apresenta Comte a sociedade primitiva como uma "homogeneité des conceptions humaines", na qual o seu desenvolvimento é indígena e espontâneo. A sua característica é a confusão dos poderes temporal e espiritual nas mãos de uma só classe social. As suas notas dominantes são a unidade e a ligação, que dominam completamente o seu sistema. "L'universalité des connaissances, qui est aujourd'hui si justement regardée comme une ambition chimère, était alors, au contraire, le caractère dominante des membres de la corporation spirituelle" (116).

Mas, "il n'y a de perfectionnement possible pour l'esprit humain que par la séparation des travaux". Sòmente mais tarde é que a diferenciação social atinge a sua verdadeira significação: "Dans l'ordre positif, l'organisation sociale, envisagée, soit dans son ensemble, soit dans ses détails, n'est pas autre chose que la réorganisation de la division du travail, en prenant cette dernière expression, non dans le sens infiniment étroit que lui ont donné les économistes; mais dans son acception la plus étendue, c'est-à-dire comme s'appliquant à toutes les diverses classes des travaux coexistants, soit théoriques, soit pratiques, qui peuvent être conçues comme concourant à un même but final, et y comprenant les spécialités nationales, aussi bien que les spécialités individuelles. La séparation et la spécialisation de plus en plus grandes des activités particulières, soit d'individu à individu, soit de peuple à peuple constituent, en effet, le moyen général du perfectionnement de l'espèce humaine, et, par une réaction nécessaire et continue, en sont aussi le résultat permanent"... "Tous les progrès réels qui ont eu lieu ou qui pourront s'opérer dans l'organisation sociale peuvent être regardés, de ce point de vue, comme ayant eu ou devant avoir pour dernier résultat d'établir une meilleure distribution du travail" (117).

A ordem social será melhor estruturada, prossegue Comte, seja em relação ao bem-estar individual, seja sob o ponto de vista da boa harmonia do conjunto, se cada indivíduo puder entregar-se exclusivamente a um género de actividade que lhe seja mais próprio, quer por disposições naturais, por aptidões próprias ou mesmo por circunstâncias especiais em que se encontre colocado. Claro que nunca

(116) *Opúsculo de 1825* — págs. 162/163.

(117) *Opúsculo de 1826* — pág. 197.

existirá uma ordem perfeita, como a desejada, preenchendo cada um a sua função adequada.

Vejam agora este trecho sobre solidariedade orgânica, como a chamará Durkheim, em que todas as linhas mestras deste autor são facilmente verificáveis, principalmente no que diz respeito ao desatque da *personalidade* de cada um, ponto importante na doutrina de Durkheim: "C'est surtout dans l'état social qui se prononce toujours davantage chez les peuples modernes, que cette tendance est la plus directe et la plus sensible. Car l'activité industrielle, comparée à l'activité militaire, est caractérisée par cette admirable propriété que son libre et plein développement dans un individu ou dans un peuple ne suppose point nécessairement sa compression dans d'autres individus ou d'autres peuples, et qu'au contraire, non-seulement elle admet le concours universel, mais même qu'elle le provoque inévitablement, entre certaines limites; d'où résulte naturellement que les hommes et les nations sont continuellement poussés à former des associations de plus en plus étendues et de plus en plus paisibles" (118).

Mas, diz Comte, se a divisão do trabalho, considerada desta ponto de vista, é causa geral de desenvolvimento do estado social, considerada sob outra forma, não menos natural, acarreta uma tendência contínua à deterioração, à dissolução, que acabaria por anular os seus benéficos efeitos iniciais. Em resumo: "la socialité gagne en étendue, mais elle perd en énergie" (119).

Esta questão da divisão do trabalho social é uma constante no espírito de Comte. Num de seus primeiros opúsculos, esclarece elle que à medida que a inteligência coletiva e individual da espécie

(118) *Opúsculo de 1826* — pág. 198.

Neste capítulo sobre a divisão do trabalho social, ainda hoje é comum encontrar-se citação de algum trecho de Comte, embora extraído do *Cours*, mas as suas idéas já se encontravam nos *Opúsculos*, como vemos. Podem ser consultados, entre outros: Kimball Young — *An Introductory Sociology* — New York — 1934 — págs. 405/406; Ed. A. Ross — *Op. cit.* — pág. 553; C. Bouglé — *Qu'est-ce que la Sociologie?*, cit. — pág. 151. E. Durkheim cita-o 14 vezes, em longos trechos para as suas teses decisivas, na sua primeira grande obra *De la Division du Travail Social* — Paris — 1893, inclusive no que admite como seu principio básico sobre o assunto (pág. 289/290).

(119) *Opúsculo de 1826* — pág. 198/199.

humana se desenvolve, esta divisão se pronuncia e se generaliza sempre mais, porque o grande meio de civilização é a separação dos trabalhos e a combinação dos esforços (120). Cada um sabe hoje — em outro local — que é impossível conceber no espírito humano qualquer progresso real e durável, no estado da sociedade em que cada indivíduo é constantemente obrigado a prover por elle mesmo a sua subsistência. "Mais, chez les peuples pasteurs, et même chez les peuples agriculteurs, dont le mode d'existence a cependant fait disparaitre ce premier obstacle, cette condition fondamentale est souvent fort loin d'être remplie" (121).

10 — Como se sabe o ponto central da dinâmica social de Comte é a sua chamada "lei dos três estados", que tão nefasta lhe

(120) *Opúsculo de 1822* — págs. 66/67.

(121) *Opúsculo de 1825* — págs. 143.

Para o estudo da solidariedade em Comte e em outros autores, sob o ponto de vista critico: Gaston Richard — *La Sociologie Générale et les Lois Sociologiques* — Paris — 1912 e M. P. Grimannelli — *Auguste Comte et la Notion de Solidarité* — in *Annales de l'Institut International de Sociologie* — Vol. XIII — Paris — 1911 — págs. 159/184.

Hans Freyer, que estuda a obra de Comte com muita compreensão, e com o qual possui muito de comum, mostra que na sociologia de Comte, segundo os vinculos que prendem os indivíduos entre si e ao grupo, estabelecem-se diversos graus de *socialidade*. — *Op. cit.* — pág. 55: "Die stärksten Kräftewirkungen aber, die der Analytiker der sozialen Gebilde vorfindet, sind immer die gesellschaftlichen Ideen der Menschen. Durch sie ist nicht nur das Strukturgesetz des sozialen Körpers, sondern bereits die Festigkeit seines Zusammenhanges bestimmt. Es gibt Grade der "Sozialität". Der Zusammenhalt eines sozialen Gebildes ist um so fester, je "kräftiger die Ideen sind, die in ihm herrschen, je vollkommener sie die einzelnen Individuen binden, je vielfältiger sie die gesellschaftlichen Funktionen differenzieren, und je fester sie sie zugleich in das Ganze einfügen."

Outro não é, de maneira nenhuma, o conceito de *socialidade* de Georges Gurwitsch. Ninguém, no entanto, aproximou as duas doutrinas. Sorokin estudando os tipos de solidariedade social, declara que o problema dos principais tipos de interações solidaristas ou antagonicas tem sido amplamente estudado nas obras recentes de sociologia. Refere-se a Comte sómente como um estudo precursor, sem explicar a que doutrina sua alude. *V. Society*, cit. — pág. 110, nota.

Também as doutrinas solidaristas modernas muito devem a Comte. Vejamos: Ch. Gide e Ch. Rist — *Op. cit.* — págs. 667 e 671; L. Bourgeois — *Solidarité* — 7a. ed. — Paris — 1912 — págs. 26 e 54.

foi no restante da sua teoria social, principalmente neste primeiro período de sua vida de pensador. Pode-se dizer que os opúsculos são dominados pelo pensamento dinâmico de sucessão entre êsses três estados. Pouco se detém Augusto Comte na análise profunda e íntima da estrutura social, a não ser nos tópicos que conseguimos surpreender, denunciadores do gênio filosófico do seu autor. No *Cours*, então, é que aparece com mais cuidado a sua exposição da *estática social*. Contudo, foram apresentados aqui alguns exemplos sobre o assunto e outros virão depois.

A lei dos três estados aparece formulada, inteiramente acabada, pronta para receber sómente novas subdivisões (que virão mais tarde no *Curso*) no célebre opúsculo de 1822, por isso mesmo tão valorizado por Comte e seus discípulos, como o *opúsculo fundamental*. Para nós, não, pois o que Comte apresentou de mais duradouro encontra-se exatamente fora dessa afamada lei.

Pois bem, nesse ensaio, declara Comte que, pela própria natureza do espírito humano (que *a priori*!...), cada ramo de nossos conhecimentos é necessariamente obrigado, em seu andamento, a passar sucessivamente por três estados teóricos: o estado teológico ou fictício; o estado metafísico ou abstrato; enfim, o estado científico ou positivo.

No primeiro, as idéias sobrenaturais ligam o pequeno número de observações isoladas de que se compõe a ciência. Os fatos observados são *explicados*, isto é, vistos *a priori*, segundo fatos inventados. E' o estado de qualquer ciência em seu início. Por mais im-perfeito que seja, é o único modo de ligação desta época. Fornece o único instrumento por meio do qual se pode raciocinar sobre os fatos.

O segundo estado serve unicamente de transição entre o primeiro e o terceiro. Seu caráter é bastardo. Liga os fatos segundo idéias que não são mais sobrenaturais, mas que não são ainda naturais. São abstrações personificadas, nas quais o espírito pode ver à vontade ou o nome místico de uma causa sobrenatural, ou o enunciado abstrato de uma simples série de fenômenos, conforme se encontre mais próximo do primeiro ou do terceiro estado.

O terceiro estado, finalmente, é o modo definitivo de toda ciência; não constituindo os dois primeiros nada mais do que a sua preparação. Aqui, os fatos são ligados segundo idéias ou leis gerais de uma ordem inteiramente positiva, sugeridas ou confirmadas

pelos próprios fatos, e muitas vezes nada mais são do que fatos assaz gerais que se tornam princípios. Procura-se reduzi-los sempre a um número cada vez menor possível, mas sem instituir nenhuma hipótese que não possa ser verificada um dia pela observação, e não os encerrando, em qualquer caso, senão como um meio de expressão geral para os fenômenos (122).

(122) *Opúsculo de 1822* — págs. 77/78.

Tanta importância emprestam a esta "lei" de Augusto Comte, que se esforçam todos os autores por lhe apontar um inspirador directo ou um teórico anterior da mesma. Ora é Turgot, ora o Dr. Burdin, ora o próprio Saint-Simon. Sem dúvida alguma há muito de verdade nisto tudo. Ela não é tão original como pensa Comte, contudo, coubhe dar-lhe um sentido de maior conteúdo sociológico, com a correspondente criação de tipos sociais. Enriqueceu-a e desenvolveu-a como não o fizeram seus antecessores.

Veja-se, realmente, este trecho de Turgot, de impressionante semelhança com a doutrina de Comte, embora a concepção deste seja muito mais profunda e tenha sido elevada à categoria de verdadeiros tipos sociais — *Oeuvres de Turgot* — ed. Schelle — Paris — vol. I — 1913 — pág. 315: "Avant de connaître la liaison des effets physiques entre eux, il n'y eut de plus naturel que de supposer qu'ils étaient produit par des êtres intelligents, invisibles et semblables à nous; car à quoi auraient-ils ressemblé?... Quand les philosophes eurent reconnu l'absurdité de ces fables, sans avoir acquis néanmoins de vraies lumières sur l'histoire naturelle, ils imaginèrent d'expliquer les causes des phénomènes par des expressions abstraites, comme *essences* et *facultés*, expressions qui cependant n'expliquaient rien... Ce ne fut que bien plus tard, en observant l'action mécanique que les corps ont les uns sur les autres, qu'on tira de cette mécanique d'autres hypothèses que les mathématiques purent développer et l'expérience vérifier".

Mas a verdade é que Comte foi muito além dessa simples verificação superficial, aprofundando o assunto por todos os lados — filosófico, histórico e sociológico. Como bem ressaltava Lévy-Bruhl, a lei dos três estados é a espinha dorsal do seu próprio sistema. E, em sociologia, dizemos nós, da dinâmica social, por qualquer lado que a encaremos.

Todos os autores, por nós citados ao longo do nosso ensaio, estudam o assunto, dispensando-nos, assim, de citações especiais, que somente vieriam encher papel. De qualquer modo, fora dos tratados e estudos especiais, podem ainda ser vistos: Aloys Dempl — *Filosofia de la Cultura* — trad. de J. Pérez Bances — pág. 27; M. Mandelbaum — *The Problem of Historical Knowledge* — New York — 1938 — págs. 312/317; W. Bauer — *Op. cit.* — págs. 55/56; G. P. Gooch — *Historia y Historiadores en el Siglo XIX* — trad. de E. de Champourcin e Ramón Iglesia — México — 1942 — pág. 15; L. Brunschvicg — *Les Ages de l'intelligence*, cit. — págs.

Esta "lei" já tem sofrido tantas críticas, de todos os lados, que nem merece a pena que percamos tempo com o seu comentário, mas uma coisa devemos dizer em defesa de Augusto Comte: já nestes opúsculos, sem que ninguém se tenha apercebido, encontram-se respostas a algumas das críticas que lhe fizeram. Daremos alguns exemplos.

Robert Flint e Armand Cuvillier — sem que este se referisse à crítica do escritor inglês, anterior à sua — criticam Comte por englobar no estado teológico todas as manifestações do espírito humano em torno da religião e do feticchismo, e perguntam: não possuía o homem naquela época nenhuma concepção positiva? Vivia somente do feticchismo? Como podia construir a sua cabana ou cozinhar os seus alimentos, ou lançar uma flecha com precisão, senão através das propriedades e das relações das coisas? Sem algumas concepções deste gênero, a vida seria impossível (123).

3/5; C. Bouglé — *Humanisme*, cit. — págs. 27/28; Ch. Gide e Ch. Rist — *Op. cit.* — pág. 257; F. Kaufmann — *Metodologia de las Ciencias Sociales* — trad. de E. Imaz — México — 1945 — págs. 256/257; Ch. Lalo — *Éléments de Sociologie* — Paris — 1945 — pág. 250; Ch. Renouvier — *Op. cit.* — págs. 388; G. Bouthoul — *Op. cit.* — págs. 58/59, 156/157; H. Barnes — *Op. cit.* — págs. 83/84, 87; R. Hubert — *Sociologie*, cit. — págs. 24/25; John R. Commons — *Institutional Economics* — New York — 1934 — pág. 107; C. Bouglé — *Bilan de la Sociologie Française Contemporaine* — Paris — 1938 — pág. 75; A. Nicotero — *La Méthode Statistique* — trad. de R. Jacquemin — Paris — 1925 — págs. 14/15.

Para os possíveis precursors de Comte e em suas relações com ele (Vico, Turgot, Condorcet) — Richards Peters — *La Estructura de la Historia Universal en Juan Bautista Vico* — trad. de J. Pérez Bances — Madrid — 1930 — págs. 207/208; E. Cassirer — *Filosofia de la Ilustración* — trad. de E. Imaz — México — 1942 — págs. 39, 194, 210, 241/242; J. Leclercq — *Op. cit.* — págs. 27/30; G. Richard — *La Question Sociale*, cit. — pág. 127; R. Hubert — *Les Sciences Sociales dans l'Encyclopédie* — Paris — 1923 — págs. 353, 356 e 366.

A lei dos três estados baseia-se na preponderância do elemento intelectual sobre os demais. E a mentalidade de cada período histórico que condiciona todo o restante do corpo social, são as crenças, as idéias. A doutrina de Comte é, pois, intelectualista ou idealista, neste sentido. Veremos adiante, em outra nota, o que isto significa para os estudos posteriores da sociologia.

(123) R. Flint — *Op. cit.* — pág. 325; A. Cuvillier — *Manuel de Ph.* Vol. II — pág. 43.